

A questão do “tempo dos atores” na sociologia pragmática

Patrick Trabal¹

Resumo: Para apreender a forma como as “sociologias pragmáticas” abordam a questão do tempo, propomos apresentar estas sociologias através da noção de “tempo dos atores”, e explicitar o desenvolvimento e o uso de uma ferramenta metodológica construída especificamente para lidar com os limites deste programa sociológico; para ilustrar este projeto utilizamos três objetos de pesquisa sobre os quais nos debruçamos.

Palavras-chave: sociologias pragmáticas; tempo dos atores; software Prospéro; controvérsias científicas.

“Time of actors” issue in the pragmatological sociology

Abstract: *To understand how the “pragmatics sociologies” approach the issue of time, the author proposes to present these sociologies through the notion of “time of actors”, and explains the development and use of a methodological tool built specifically to deal with the limits of this sociological program; to illustrate this project he uses three research objects.*

Keywords: *pragmatics sociologies; time of actors; Prospéro software; scientific controversies.*

1 Universidade Paris Ouest Nanterre - CERSM / École des Hautes Études en Sciences Sociales - GSPR – Paris – França – patrick.trabal@u-paris10.fr

A análise do tempo, das temporalidades, da história figura há muito entre as preocupações dos sociólogos. O objetivo desse texto é apresentar como uma tradição nascida na França no fim dos anos setenta, e que permaneceu nos anos oitenta, trabalhou essa questão. Frequentemente nomeadas de “sociologias pragmáticas” e, às vezes, “novas sociologias”, tais abordagens costumam a encontrar uma denominação plenamente satisfatória, particularmente porque isto pressupõe uma relativa unidade, ao passo que existem, de fato, algumas divergências entre os autores. Para apreender a forma com que abordam a questão do tempo, propomos apresentar estas sociologias através da noção de “tempo dos atores”, inicialmente e, em um segundo momento, explicitar uma ferramenta metodológica construída especificamente para lidar com os limites deste programa sociológico; para ilustrar este projeto utilizamos três objetos de pesquisa sobre os quais nos debruçamos.

1) Uma Sociologia que visa apreender a ação

Desde os anos 80, uma corrente conhecida sob o termo de “sociologias pragmáticas”, em razão de suas dívidas para com Peirce, James e Dewey, faz resurgir a sociologia moral e política por meio de duas perspectivas. De formas bastante independentes, Boltanski de um lado e Latour de outro, se interessaram pelas temporalidades das provas² por que passam os atores.

Latour participa da renovação da sociologia das ciências e das técnicas, inscrevendo-se em um movimento mais amplo conhecido sob o nome “Ciências e Técnico-Ciência (STS)”. De acordo com essa perspectiva, um enunciado científico não é o simples resultado de uma descoberta científica que repousaria sobre uma capacidade do pesquisador de separar a ciência e a sociedade, mas consiste no resultado de relações de força, a partir das quais o enunciado teria superado uma série de provas (Latour, 1987). Nessa perspectiva, um enunciado científico é um enunciado que perdura no tempo e que resiste às forças heterogêneas, humanas e não humanas, as quais, a todo o momento, podem derrubá-lo. As teorias do ator-rede permitem analisar o tempo necessário para estabilizar esses objetos e os processos pelos quais eles, eventualmente, deixam de funcionar. Geralmente os autores que se inscrevem nessa perspectiva se esforçam em estudar as formas pelas quais surgem, se exprimem, se discutem, se gerem entidades que surgem ou desaparecem, como se pode “agir em um mundo incerto” (Callon, Lascoumes e Barthe, 2001) e, assim, gerir restrições de tempo.

2 No original o termo usado é “épreuve” e pode ser traduzido como “experiência”, “prova” ou “provação”. Neste texto, utilizamos o termo “prova” por julgá-lo mais adequado.

A outra chave de análise, desenvolvida por Boltanski nos anos 1980, renova a sociologia moral posto que propõe precisar como se pode produzir acordos. Em oposição à uma sociologia de Bourdieu que divide o mundo social em “campos”, que se interessa pela “distinção”, Boltanski se esforça para entender não apenas como o mundo social conflita, mas como pode se manter como tal. Sua resposta insiste sobre a dimensão moral. Na medida em que os atores compartilham uma humanidade comum – gramáticas, capacidade de se entender sobre princípios de justiça e sobre a ordem moral – eles podem resolver suas diferenças. No centro desses modelos figura a noção de “prova” que permite “articular o ideal de justiça, no qual as pessoas de nossa sociedade constroem sentido, e que é disposto na axiomática da *cités*, às situações de disputa sobre o justo, na qual esse ideal é posto em prática” (Boltanski, 1990: 97). Para isso, convém dotar os atores da “possibilidade de fazer antecipações sobre o futuro e, conseqüentemente, conferir aos resultados da prova atual uma certa validade por uma certa duração” (Boltanski, 1990: 98) e “guardar na memória os resultados de provas anteriores e de transportá-las no tempo quando eles tiverem que fazer frente à novas provas” (Boltanski, 1990: 100).

Essa teoria, que retoma os trabalhos desenvolvidos em “Les économies de la grandeur [As economias da grandeza]” (Boltanski e Thévenot, 1987) e que será publicada com Thévenot no ano seguinte (Boltanski e Thévenot, 1991), visa a localizar um conjunto de bens comuns universalizáveis (as “*cités*”). Notamos que Thévenot enfatiza o fato de que eles são marcados por diferentes escalas de tempo (por exemplo, entre temporalidades domésticas e industriais [Dosse, 1997: 303]). Este tipo de abordagem – embasada por uma investigação sobre as operações realizadas por estatísticos qualificados (Desrosières e Thévenot, 1988) – está fortemente em ruptura com as teorias de Bourdieu, que se esforça em descrever os jogos sociais relacionando-os às características mais estáveis dos agentes (o sexo, a categoria sócio-profissional, os títulos escolares...), isto é, as variáveis que *a priori* variam pouco no tempo para um dado sujeito. Aqui, busca-se descrever a ação identificando as forças envolvidas e os princípios morais dos atores que vão realizá-la, e cujo resultado é incerto, podendo se estabelecer por um tempo não definido *a priori*.

Ao contrário de uma sociologia bourdieusiana, que busca identificar as leis de gravitação social (Bourdieu, 1982) e, portanto, coisas que não variam; esses modelos insistem sobre a ação *in situ*, tirando partido do desenvolvimento do interacionismo e da sociologia cognitiva de Cicourel (1973), principalmente quando levam em conta os jogos de construção de uma memória das provações

3 Nota da tradutora: *Cité* vem do termo grego *polis* e representa a cidade organizada, formada pelo conjunto de cidadãos de um determinado espaço ou território. O termo faz referência, especificamente, às ordens e valores morais que são compartilhados por este grupo de cidadãos.

anteriores e de antecipações. Como afirma Dodier, o pragmatismo não é a consideração imediata da ação concreta, mas “o cuidado de integrar, do lado do futuro, a maior gama possível dos horizontes temporais dos agentes, na medida em que aparecem claramente como pertinentes ao desenvolvimento da atividade; e, do lado do passado, estar atento a todo o espectro de suportes de memorização de recursos efetivamente mobilizados” (Dodier, 1993).

São os trabalhos sobre o risco, empreendidos no final dos anos noventa, que permitiram desenvolver ainda mais a atenção dada ao “tempo dos atores”. A expressão é de Raymond Duval (1991), quando discute a fenomenologia do tempo de Husserl, trabalhando a noção de vigilância. Estar vigilante é estar atento às variações, é ser capaz de localizar as mudanças e as transformações. É necessário passá-las de ponta a ponta para “lançar um alerta” e mobilizar os atores sucessivos. A atenção a essas variações supõe ainda uma capacidade de reler os eventos passados e de avaliar, na situação, a sua propensão a causar problemas no futuro. Estamos distantes das teorias de Beck (1986) ou dos autores que trabalham com a “percepção do risco” (Duclos, 1990), que se interessam pelo risco apenas no caso em que este já é relacionado a um espaço de cálculo – geralmente probabilístico. Desenvolvidas por Chateauraynaud e Torny (1999), essas abordagens enfatizam como as ações a tomar estão ligadas aos jogos de qualificação de entidades e pessoas, mas também às discussões sobre o tempo pertinente da ação. Deve-se agir com urgência? É necessário estabelecer um prazo para autenticar o perigo? Quais formas de vigília ou de vigilância devem estar inscritas nos dispositivos destinados a prevenir o perigo? O trabalho realizado ao analisar o *corpus* de textos visa identificar marcadores temporais como este:

*A floresta devastada do Brasil: em breve os índios da Amazônia importarão guarda-sóis.*⁴

Uma figura clássica de um alerta geralmente é expresso sob esta forma: “se nada for feito imediatamente, será tarde demais”. Tal forma se declina também em “já é tarde demais...” fórmula paradoxal, pois quando se busca mobilizar os atores e a necessidade de agir é porque ainda se pode crer razoavelmente na reversibilidade da situação.

A partir destas investigações que se interessam pelas ligações entre as modalidades de tempo e de ação, houve interesse, desde meados dos anos 2000, mais especificamente pelas formas de encenação do futuro. Este movimento, que se inscreve naturalmente na sequência de trabalhos anteriores, está também

4 Em <http://www.centpapiers.com/alerte-la-foret-du-bresil-en-danger-agressions-contre-les-peuples-premiers/75960>. Nota postada em 7/7/11.

presente no desenvolvimento de trabalhos sobre a argumentação. As ações coletivas assentam-se frequentemente sobre argumentações, mas estas não “carregam” geralmente mais nada, no momento em que são articuladas com as experiências do mundo sensível (mediadas, se necessário, por dispositivos). A questão sobre o que (ainda) não existe encoraja uma discussão sobre os “ângulos do futuro” (Chateauraynaud, 2011). Trata-se, a partir de então, de examinar as estratégias visando tornar o futuro plausível. Uma figura consiste em construir as séries passadas para extrair tendências (a floresta amazônica se reduz cada vez mais). Podem-se cruzar diferentes pontos de vista cuja totalização torna inevitável a visão do futuro (por exemplo, cruzando os olhares de um especialista do clima, outro de migrações, um terceiro da área de agricultura e um último da economia). Podemos defender uma concepção determinista segundo a qual o que acontecerá está largamente indexado em situações anteriores (o homem continua a destruir a terra); o trabalho dos atores, neste caso, pode repousar sobre formas de revelação para reforçar uma representação do passado, mostrando quantas forças se opuseram a estas leituras. Alguns se esforçam em programar o futuro impondo um trabalho político para planejar, organizar os projetos e alinhar os atores nas redes (o futuro são as próximas conferências do GIEC⁵). Podemos, enfim, deixar o futuro indeterminado e pleitear uma forma de presentismo (nós encontraremos uma solução quando isso acontecer).

Ao identificar essas figuras, Chateauraynaud defende a noção de balística e troca a noção de abertura do futuro por aquela dos ângulos de abertura do futuro. Ele opõe uma versão construtivista sobre o futuro como sendo “uma concatenação projetiva de séries passadas”: eu construo as séries passadas, eu avalio a situação atual em função da história assim construída, para projetar um futuro que orienta a ação. A proposição é integrar as contra-fatualidades produzidas pelos atores, as probabilidades subjetivas (não tivemos ainda um acidente nuclear grave na França, mas isso pode acontecer), para encarar vários futuros e aquilo que volta a interrogar a capacidade de abdução em função das séries passadas, das contra-fatualidades e da percepção da natureza dos processos em curso: “Pensadas em termos de ângulos de vista, as variações que fazem os atores suportarem suas visões de futuro traduzem o grau de opacidade ou de clareza autorizado pelas entidades e pelas relações que são postas em perspectiva”.

Esses últimos desenvolvimentos, explicitados em uma obra recente, têm a característica de relançar investigações sobre uma série de campos. Mas, antes

de descrever a forma como trabalhamos com esses conceitos, é necessário, sem dúvida, precisar nossa metodologia.

2) Uma metodologia construída para responder a esse tipo de investigação

Para concretizar esse programa, nosso grupo de pesquisa desenvolveu especificamente uma sequência de programas de computador. Também, para além dos desafios de uma explicitação da metodologia, a apresentação dessas ferramentas é ligada a existência de um grupo de trabalho que empreendeu a tradução desses instrumentos para o português.⁶

Já existe uma pluralidade de formas de tratamento de *corpus* de textos, sobretudo estatísticas. Nós então decidimos trabalhar com ferramentas informáticas que permitem ligar quatro dimensões, que, até aqui, em geral, foram objeto de formalizações separadas: uma dimensão estatística, que permite tratar grandes quantidades de enunciados; uma dimensão semântica, capaz de dar conta dos significados atribuídos a temas ou personagens, fórmulas ou argumentações; uma dimensão histórica, remetendo aos fenômenos de gradação ou de rupturas, de regresso ao passado ou de compromisso com o futuro; e, enfim, uma dimensão pragmática, ligada aos quadros da ação e da enunciação. Os textos do nosso *corpus* podem assim ser descritos nestas quatro dimensões, sem sofrer redução prejudicial a boas interpretações teóricas. Para vincular estes diferentes aspectos, é necessário interrogar as diferentes estratégias de codificação dos elementos do discurso. Parte-se da ideia de que a representação de estruturas textuais, para ter sentido, deve assumir o fato de que o pesquisador é levado por si a interpretar os textos (Chateauraynaud, 2003). O pacote Prospéro e os programas que o acompanham são construídos precisamente em torno desta exigência: o usuário deve poder avaliar as várias possibilidades de interpretação.

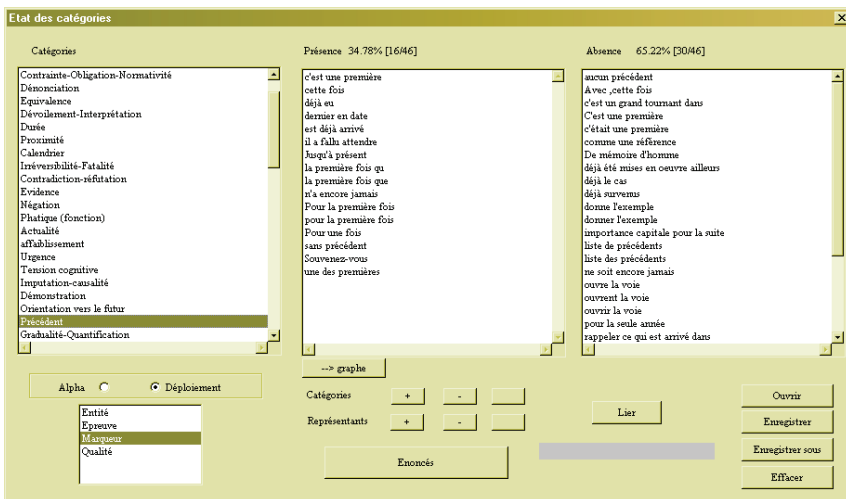
Em outros termos, estes instrumentos não existem para “objetivar” o conteúdo dos textos (esta concepção suporia que existe uma “verdade” intrínseca ao *corpus*), mas para ajudar o investigador a efetuar sua pesquisa, permitindo-lhe principalmente avaliar a pertinência das interpretações e acompanhá-lo na sua reflexão. Concretamente, é o usuário que cria os conjuntos de dicionários, categorias e coleções, e testa a sua pertinência confrontando-os ao *corpus*. Bastante afastados de uma perspectiva positivista, que procuraria reduzir a parte interpretativa, nós nos submetemos, no entanto, à exigência popperiana de confrontar permanentemente as nossas ideias à realidade de um *corpus* após formalizá-lo em estratégias de indexação.

6 Este grupo de trabalho é animado por Vinício Macedo dos Santos (Faculdade de Educação da USP) e pelo autor deste texto.

No que diz respeito a meu propósito sobre o tempo dos atores, construímos numerosas categorias que permitem arrolar sistematicamente:

- os precedentes: com marcadores como “a primeira vez”, “um momento de virada”, “abriu caminho”, “aconteceu”...
- os malogros das tentativas anteriores: “em vão”, “sem resposta”, “não funcionou”, “sem solução”...
- a atualidade: “hoje”, “recentemente”, “em vigor”, “neste momento”...
- o futuro próximo: “logo”, “em breve”, “veremos”, “próximos anos”, “pode-se esperar”...
- a urgência: “rapidamente”, “o mais rápido possível”, “imediatamente”, “sem tardar”...
- a extensão temporal e a duração: “desde”, “vários meses”, “anteriormente”...
- irreversibilidade: “apesar”, “inevitável”, “apenas se”, “condenado à”...

Propomo-nos a esclarecer uma parte do trabalho realizado com o pacote eletrônico *Prospéro* para criar objetos que permitirão seguir uma pista, provar uma ideia, testar uma hipótese⁷. Retomando categorias criadas por outros pesquisadores, recolhemos vários objetos que apontam, em nosso entendimento, para um precedente. Alguns encontram um eco no *corpus* (coluna do meio) quando outros “destoam” (coluna da direita).



Pode-se então, quantificar a pontuação dessas categorias e de seus principais representantes:

7 A cópia das imagens abaixo são de uma pesquisa sobre a temporalidade da dopagem (Trabal et al., 2006).

187 Irréversibilité-Fatalité	23 cette fois
135 Potentialité non réalisée	22 la première fois que
122 Orientation vers le futur	22 pour la première fois
112 Statistique	12 déjà eu
110 Précédent	10 Pour la première fois
95 Imputation-causalité	4 la première fois qu
91 Doute-Incertitude	4 Pour une fois
88 Point de basculement	4 est déjà arrivé
86 Rumeur-opinion	2 une des premières
85 Conclusif-synthétique	1 dernier en date

Um trabalho permite então localizar os diferentes enunciados, assegurar-se da validade dos nossos indicadores, eventualmente retificar e sobretudo arrolar os precedentes.

énoncé n° : 143	Moi , j'avais pris du Kenodon , c'était des cachets .
énoncé n° : 144	Moi , la première fois que j'en ai pris .
énoncé n° : 145	Au départ pour moi le dopage , c'est des risques .
énoncé n° : 146	Après , on discutait avec mon entraîneur et avec l'entraîneur de l'équipe de France et là , cela a été la politique de l'autruche , ils ne préféraient pas savoir .Et ça , je trouve ça dommage .
énoncé n° : 147	Donc là , mon entraîneur me dit : parfait , je peux en avoir mais après , il ne m'a jamais obligé à en prendre . Et il m'a juste dit que si j'en prenais , je serais plus fort .Et là , j'ai commencé à le faire .
énoncé n° : 148	J'ai essayé , et cela a duré une année , la première fois que j'ai fait cela .
énoncé n° : 149	C'était une cure , c'était par plaquette .

Além da exploração do *corpus*, pode-se assim identificar as séries anteriores dos atores, as formas como são mobilizadas num argumento, os futuros e os ângulos de futuro. Pode-se igualmente procurar formalizar figuras, apreender os encadeamentos notáveis e/ou frequentes, para construir os modelos evocados previamente. Para ilustrar este enfoque, propomos apresentar três aplicações em campo: a dopagem esportiva, para localizar temporalidades nas práticas; a segurança informática, para esclarecer a noção de vigilância, e os debates sobre bionanotecnologias, para precisar a noção de controvérsias de antecipação e ângulo do futuro.

3) As temporalidades da prática de dopagem

A dopagem esportiva é um objeto interessante para a sociologia pragmática que se esforça em estudar como se articulam as dimensões axiológicas da luta antidopagem, as representações que circulam no espaço público, os dispositivos que procuram captar os meios sociais marcados por práticas ilícitas.

Pode-se, por conseguinte, trabalhar sobre as questões éticas, sobre a ação pública, sobre os dispositivos de controle, de sanção, de prevenção... mas também sobre as próprias práticas proibidas. Mais precisamente, não somente há

um esforço em cruzar a sociologia política, a sociologia da saúde, a sociologia das ciências, a sociologia do Direito, a sociologia das mídias, a sociologia do esporte... mas em observar como os atores passam de uma dimensão a outra e quais tipos de provas eles mobilizam para isso. Procuramos descrever os processos pelos quais uma questão esportiva pode: dar lugar a debates sucessivos na imprensa, mobilizar ou criticar o Direito, transitar para uma controvérsia científica, possibilitar que o calendário esportivo interfira na atuação dos auditores.

Mas é sobre as próprias temporalidades das práticas que desejamos aqui pautar a análise. A literatura sobre o assunto considera, frequentemente, que o consumo de um produto pode ser descrito exclusivamente pela explicitação das formas de coerção, impostas por uma cultura desportiva, ou pela consequência de decisões individuais e racionais, ou ainda por lógicas de aparecimento de pressões próprias a situações dadas. Sublinhamos o interesse, respectivamente, de uma sociologia durkheimiana, da abordagem do individualismo metodológico e da tradição aberta pela etnometodologia, mas, temos também apontado seus limites (Le Noé e Trabal, 2008). Nossa proposta é trabalhar a partir das temporalidades dos atores para mostrar que as formas de dominação e de coerção, contrariamente ao que disse Bourdieu, não se aplicam todo o tempo. E nos propomos a olhar em qual momento o peso da cultura se impõe e quando se manifestam os constrangimentos a partir das narrativas dos esportistas. Partindo deste mesmo material, vimos que o mesmo esportista podia indexar, por vezes, estas práticas de dopagem como um cálculo racional, mas que, em outro momento, ele poderia ceder – o que alimenta a ideia de que é necessário tomar o tempo dos atores como objeto. Enfim, os jogos de ajustamento a uma situação não são mais automáticos, pois em certos momentos, por exemplo no momento que chamamos de dopagem recreativa, agir como os outros é de fato o importante, e a consideração de um futuro (por exemplo, um possível controle antidoping) pode estar mais ou menos presente.

Trabalhando a partir de testemunhos e analisando-os com o programa eletrônico, através dos marcadores, destacamos não os perfis dos dopados (o que corresponde às demandas de epidemiologia social formuladas pelos responsáveis da luta antidoping), mas os momentos de dopagem, que classificamos de acordo com as configurações. Estes momentos são variados, mas nossa análise se baseou em descrever alguns sob o ângulo das temporalidades⁸.

8 A utilização do *software* Prospéro foi central para localizar momentos relevantes nas experiências de dopagem e para analisar as dúvidas e as justificações dos esportistas. Para entender o raciocínio instrumentalizado pela informática que nos permite apresentar o modelo seguinte, o leitor pode consultar o relatório citado (Trabal et al., 2006) na página pessoal do autor - http://www.u-paris10.fr/1763/0/fiche__annuaireksup/&RH=ufrstaps_enseign.

Assim, o “abandono”, por exemplo, propiciado seja por uma dopagem recreativa, seja por um tratamento após um ferimento, podem ambos ser compreendidos por uma lógica de oscilação numa dada situação, uma fraca consideração dos precedentes, uma fraca abertura de futuro; a repetição parece submetida apenas ao surgimento de uma nova ocasião, mesmo que um esportista prefira não se colocar nesta situação se um evento marcante (um controle antidoping, problemas de saúde...) estiver para acontecer.

Uma segunda configuração corresponde ao consumo guiado por um terceiro, por exemplo um treinador, um diretor esportivo, um médico. Essa prática pode ser analisada em termos de construção e eventualmente de ruptura de confiança, que impõe considerar o tempo. Os precedentes devem ser vinculados à história da relação em termos de confiança, desconfiança e poder; as aberturas do futuro são assumidas por um terceiro. A orientação temporal dominante é a de uma rotina, o seguimento de um protocolo que determina os produtos, as modalidades de consumo e as doses. Formas de vigilância podem nascer quando se sai dessa relação, ao confrontar os fatos e os índices externos (por exemplo, ao ler a bula dos produtos).

Uma terceira modalidade corresponde ao caso do esportista que se esforça em controlar ele mesmo, ao máximo, a ingestão de dopantes. A consideração dos precedentes é tão forte que ele guarda na memória seus diferentes consumos (manutenção de diários...), realiza balanços regularmente para ajustar seu consumo. A figura temporal dominante é aquela da experimentação, que remete a enxergar um novo futuro, no limite da reversibilidade. Pode-se vislumbrar seguir com a dopagem ou interrompê-la em função de índices que são constantemente examinados, e a vigilância desenvolvida baseia-se numa atividade de percepção contínua.

Os percursos deste trabalho evidenciam, por conseguinte, o alcance heurístico de uma abordagem do tempo dos atores, e engajam as políticas de prevenção da dopagem.

4) A segurança informática: os administradores da rede ou especialistas da vigilância.

As questões de segurança em informática tocam ao mesmo tempo a integridade técnica dos sistemas de importantes instituições que podem ser tomadas como alvo por *hackers*, como também as de empresas comerciais comuns ou dos computadores de todas as pessoas. Os problemas colocados remetem tanto a ações como o ciberterrorismo, ou modos de crítica (por exemplo, uma

“marcação”⁹ da página de um partido político na internet), como intrusões de fim mercantil (por exemplo decifrando os números de cartões bancários), quanto questionamentos sobre as liberdades individuais prejudicadas pelos vírus introduzidos em nossas próprias máquinas, tanto quanto sobre os dispositivos que visam proteger de ataques.

Múltiplos atores lançam alertas em matéria de segurança informática, organizam a vigilância, propõem dispositivos e, agindo assim, suscitam reações defensivas ou considerações críticas por parte de outros atores. Uma das questões da pesquisa que efetuamos sobre o trabalho dos administradores de rede era lutar contra a ideia de Baudrillard, segundo a qual o virtual teria matado o real; nós pensamos o contrário, que ele deu ao real uma expressão ainda mais forte e que os administradores de rede são anti-baudrillardianos, pois seus trabalhos precisamente consistem em examinar como se articulam o real e o virtual.

Se o tempo não constituía diretamente o objeto desta pesquisa¹⁰, não obstante ele apareceria como um elemento central na descrição da atividade dos profissionais das redes informáticas. Em um primeiro nível, estas pessoas apoiam-se sobre uma série de precedentes. Gravadas por dispositivos estatais, difundem-se listas de ataque, falhas de redes identificadas, maneiras de autenticar as intrusões e as soluções disponíveis. Portanto, temos uma primeira figura de temporalidade aparecendo, de forma bastante clássica, como uma história coletivamente construída de eventos importantes, que pode servir como recurso para gerir situações delicadas. A diferença com o caso da dopagem, previamente descrito, está no fato de que este trabalho repousa sobre uma negociação coletiva de precedentes.

A investigação dos pontos de vulnerabilidade envolve três formas de prova (Chateauraynaud, 2004): o trabalho de percepção no contato de coisas que fornecem novas tarefas (é o trabalho de vigília associado às atividades de rotina, que leva a dar atenção a detalhes que importam pouco para as pessoas distantes); o surgimento de um evento relevante que torna caduca uma representação anterior (é precisamente a produção deste acontecimento que assume um ator como Humpich, que se esforça em mostrar a falta de segurança dos cartões bancários, se introduzindo fraudulentamente em sistemas vistos como invioláveis); por fim, a formação de um acordo coletivo sobre aproximações entre os sinais (o que retorna à emergência de padrões de expertise). Quando as três formas convergem, os atores não têm mais razão de prosseguir na investigação. Eles

9 Nota da tradutora: “taggage” no original, é uma adaptação do termo inglês “tag”, que significa etiqueta. No Brasil, na linguagem dos usuários de redes sociais, também se utiliza a expressão “taggear”

10 Chateauraynaud e Trabal (2008).

dispõem de novos padrões de apreciação e de ação para reorganizar o seu sistema de vigília. De um ponto de vista pragmático, o que importa é poder verificar, em caso de urgência, dúvida ou desacordo. A “verificabilidade”, que se confunde com o sentimento de confiança, é mais importante que a própria verificação, porque aponta para uma verificação potencial ou virtual.

Paralelamente, observa-se um trabalho de antecipação de investigação para identificar as vulnerabilidades possíveis, seja a potencialidade de que um programa já esteja instalado num sistema, seja de visualizar as falhas possíveis. A exemplo de raciocínios descritos na *lógica da investigação* de Dewey (1938), um dos recursos utilizados por estes profissionais é efetivamente uma lógica que não é nem inteiramente dedutiva, nem indutiva, mas sim abdutiva: quais condições são necessárias para que possamos imaginar Y de X?

Assim, a segurança informática supõe um trabalho contínuo de vigilância e adaptação dos dispositivos, que torna ainda mais decisiva a visibilidade pública dos casos de violação dos direitos. Em outros escritos mostramos que uma grande parte desta atividade consiste em recrutar, no sentido latouriano do termo, os usuários para esta vigilância. A análise de um *corpus* de mensagens de administradores destinadas a usuários mostra o quanto eles se esforçam em compartilhar as ameaças, ensinando os princípios das intrusões, as dúvidas que se pode ter e as formas de construir as boas provas. Essa atividade profissional se constrói como uma aprendizagem contínua da vigilância, na qual a antecipação e as encenações do passado e do futuro são centrais.

5) As controvérsias sobre as bionanotecnologias

Estas novas disciplinas suscitam, ao mesmo tempo, uma perversão de meios para não atingir aquilo que muitos apresentam como “as tecnologias do futuro”, que repousam sobre os riscos acarretados pelas pessoas que os produzem e para as populações; mas também suscitam sonhos e pesadelos sem muita relação com a realidade, dado que a ficção científica muito se alimentou de cyborgs e outras criaturas que questionam o futuro da humanidade: robôs andróides, cérebros eletrônicos, nanochips e implantes, cyborgs e outros avatares do gênio tecnológico.

Como a multiplicação das controvérsias em torno destes objetos e as promessas tecnológicas que lhes são associadas afetam “o senso comum”? Parece-nos que por este tipo de pergunta pode-se escapar de estudos sobre a aceitabilidade dos riscos (postura que coloca um real problema político), de um estudo sobre

a racionalidade dos atores, ou ainda, de reduzir a investigação a correntes anti-ciência que podem se desenvolver¹¹.

O trabalho permite o interesse na argumentação levando em conta os aspectos temporais e históricos: menção de precedentes, construções do futuro, construção de séries de fatos e interpretações, etc. Geralmente, o estudo dos marcadores é deixado aos especialistas da linguagem. Mas como mostraram Marianne Doury e Francis Chateauraynaud (2009), a análise do “daqui por diante” do *corpus* permite apreender, ao mesmo tempo, a dinâmica dos debates e controvérsias e as lógicas performativas em certas declarações públicas. Como estes autores afirmam: “o estudo dos alertas e das controvérsias mostra a importância do uso dos marcadores temporais que servem a qualificar a natureza e a extensão do perigo, em particular a espessura temporal dos fenômenos em jogo e o grau de urgência na passagem à ação.” (Doury e Chateauraynaud, 2009).

O estudo das temporalidades na argumentação permite exceder a pura descrição das posições. Qualquer observador pode perceber que a cartografia dos argumentos não esgota a descrição dos debates que oporiam campos de maneira definitiva. Um debate geralmente é limitado temporalmente, ao menos por um início que os atores vão se esforçar em precisar: o fim de uma ditadura, um acidente nuclear, uma descoberta científica podem constituir precedentes. Precisamente, pode haver debate sobre os precedentes. Pode-se supor que, com a clonagem de um animal, um acidente industrial, uma tentativa de lobotomia, seja aberta “daqui por diante” a possibilidade de uma aplicação ao Homem. Mas pode-se também discutir para saber se tal acontecimento, anedótico, pode ser considerado ou não como a premissa de algo promissor ou catastrófico.

A demarcação de “futuro” dá origem a discussões que engajam a ação e que re-pousam em “encenações” do futuro. Uma propriedade a estudar refere-se ao tipo de futuro engajado: é para amanhã? Para logo? Em um futuro próximo? À prazo?

Além disso, como se articulam o tipo de futuro e as previsões engajados com os precedentes e com os acontecimentos aqui e agora que dão lugar às argumentações? Este trabalho apoia-se, ainda, sobre os desenvolvimentos da sócioinformática, dado que continuamos a desenvolver ferramentas eletrônicas para apreender estas dimensões de *corpus* volumosos. Para ilustrar nosso enfoque, propomos olhar uma controvérsia, ou antes, uma série de controvérsias que levaram certos protagonistas a evocar as mutações do gênero humano. Com Charles-Eric Adam, estudamos os debates sobre o caso Oscar Pistorius,

11 O estudo aqui presente é financiado pela Agência Nacional de Pesquisa dentro do quadro do Programa P-Nano (2008).

este atleta sul-africano, com as pernas amputadas, que demanda correr junto com os válidos graças às próteses criadas por recentes progressos da pesquisa tecnológica (Adam e Trabal, 2012).

Pode-se descrever este caso distinguindo duas controvérsias, uma “clássica”, a outra “de antecipação”. A primeira controvérsia convoca argumentos metrológicos (que repousam sobre as maneiras de medir a vantagem que as próteses lhe conferem em relação a um atleta válido), que se deslocam para considerações jurídicas (há um debate sobre um ponto do regulamento da federação internacional), éticas (porque a exclusão de uma pessoa com deficiência causa indignação), desportivas (o calendário das auditorias é pouco compatível com o calendário desportivo). Mas esta controvérsia metrológica, cujo futuro é um futuro próximo, marcado por planejamentos, calendários jurídicos, programas de pesquisa, interessa realmente apenas aos atores e aos apaixonados pelo esporte. Se este caso se desenvolveu tanto no espaço público é porque muitos o consideram como um precedente. Notam-se numerosos “daqui por diante” que indicam uma ruptura “epistêmica” (não se pode mais pensar como antes) e “deontica” (“é necessário agir”...). É o que chamamos de uma controvérsia de antecipação: “atleta biônico”, “homem máquina”, “primeiro cyborg do esporte”. Percebe-se que a discussão mobiliza os futuros que convém aos atores colocar em debate. Filósofos, profissionais da área ética, militantes do transumanismo, vão enfrentar-se sobre as suas visões do futuro e o futuro do gênero humano.

Mas, o ponto notável destas descrições é que não existe praticamente nenhum ponto de passagem entre as controvérsias. Os atores preocupados com considerações metrológicas evocam pouco as considerações filosóficas; os profissionais da área ética se afastam dos jornalistas, que se esforçam em tirar pragmaticamente as consequências de seus argumentos sobre o dever do homem a fim de resolver o caso Pistorius. Assim, uma oposição a respeito dos ângulos do futuro é o que permite perceber porque este debate custa a alinhar os protagonistas, que não conseguem se entender.

Conclusão

Se novas maneiras de abordar a questão do tempo foram introduzidas por uma tradição sociológica que data de trinta anos, o programa prossegue introduzindo novos conceitos e novos modelos.

Esforçamo-nos em mostrar o quanto as perspectivas eram instrumentalizadas, o que permite nos livrarmos de debates meramente teóricos, às vezes próximos da filosofia social, para pôr à prova as nossas intuições submetendo-as a

instrumentos bastante vinculativos. A tradução do programa de computador para o português é para nós uma ocasião formidável de confrontar o nosso trabalho com campos novos.

Os dados empíricos apresentados visaram mostrar a variedade de objetos sobre os quais estas abordagens têm algo a dizer e compreender. Esperamos que esta apresentação suscite discussões que poderão resultar em novas colaborações e desenvolver, dessa forma, nossa disciplina.

Referências

- ADAM, Charles-Eric et TRABAL, Patrick. Les performances controversées d'Oscar Pistorius en Athlétisme. In: COLLINET, Cécile. et TERRAL, Philippe, *Sport et controverses*, PUR (à paraître), 2012.
- BECK, Ulrich. *Risikogesellschaft*, Francfort, Suhrkamp Verlag, 1986.
- BOLTANSKI, Luc. *L'amour et la justice comme compétences. Trois essais de sociologie de l'action*, Paris, Métailié, 1990.
- BOURDIEU, Pierre. *Leçon sur la leçon*, Paris, Ed. de Minuit, 1982.
- CALLON, Michel, LASCOURMES, Pierre, BARTHE, Yannick. *Agir dans un monde incertain. Essai sur la démocratie technique*, Paris, Le Seuil, 2001.
- CHATEAURAYNAUD, Francis. *Prospéro: une technologie littéraire pour les sciences humaines*, Paris, Ed. du CNRS, 2003.
- . *Lépreuse du tangible. Expériences de l'enquête et surgissements de la preuve*, in *La croyance et l'enquête, Raisons pratiques*, vol. XV, EHESS, 2004.
- . *Argumenter dans un champ de forces. Essai de balistique sociologique*, Paris, Editions Pétra, 2011.
- CHATEAURAYNAUD, Francis et DOURY, Marianne. Désormais: Essai sur les fonctions argumentatives d'un marqueur de rupture temporelle, *Argumentation et Analyse du Discours*, n° 4, 2009.
- CHATEAURAYNAUD, Francis et TORNY, Didier. Les sombres précurseurs: une sociologie pragmatique de l'alerte et du risque, Paris, Ed. de l'EHESS, 1999.
- CHATEAURAYNAUD, Francis et TRABAL, Patrick. Des vigiles invisibles : Les administrateurs-réseaux et la sécurité informatique, *Annales des télécommunications*, 62, n°11-12, 2007, p. 1293-1311.
- CICOUREL, Aaron Victor. *Cognitive Sociology: Language and Meaning in Social Interaction*, New York: Free Press, 1974.
- DEWEY, John. Logic: The theory of inquiry, In: BOYDSTON, J. A. (Ed.) *John Dewey: The later works, 1925-1953, Vol. 12*. Carbondale, IL: SIU Press, 1991. [Originally published as Dewey, J. (1938) *theory of inquiry*. New York: Henry Holt & Co.]

DODIER, Nicolas. Les appuis conventionnels de l'action. Eléments de pragmatique sociologique, *Réseaux*, 62, vol. 11, 1993, p. 63-85.

DUCLOS, Denis. *La peur et le savoir: les sociétés face à la science, la technique et leurs dangers*, Paris, La Découverte, 1990.

DUVAL, Raymond. *Temps et vigilance*, Paris, Vrin, 1990.

LATOUR, Bruno. *Science in Action: How to Follow Scientists and Engineers through Society*, Harvard University Press, 1987.

LE NOÉ, Olivier et TRABAL, Patrick. Sportifs et produits dopants : prise, emprise, déprise, *Drogues, santé, société*, v. 7, n. 1, 2008, p. 191-236.

TRABAL, Patrick et al. *Dopage et temporalités*, Rapport de recherche MJS/Univ. Paris X, 2006. Consultable en ligne, sur la page personnelle de l'auteur. In: http://www.u-paris10.fr/1763/o/fiche___annuaireksup/&RH=ufrstaps_enseign . Consulté le 5 Février 2012.

TRADUTORA: Lara Facioli – mestrandia do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar

Recebido em: 12/01/ 2012

Aceito em: 29/03/2012

Como citar este artigo:

TRABAL, Patrick. A questão do “tempo dos atores” na sociologia pragmática. *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*. São Carlos, v. 2, n. 1, jan-jun 2012, pp. 187-202.